

Está fundada sobre água, nem mais nem menos que Veneza... Tem três maneiras de ruas largas e gentis. Umas são só de água, com muitíssimas pontes, outras só de terra, e as outras de terra e água, digo, metade de terra, por onde andam os homens a pé, e metade de água, por onde andam os barcos. As ruas de água são de si limpas; as de terra varridas a miúdo. Quase todas as casas têm duas portas: uma sobre a calçada e a outra sobre a água... e ainda que esteja edificada sobre a água, não se aproveita dela para beber, mas trazem uma fonte de Chapultepec, que fica a uma légua dali [...] Desta fonte se abastece a cidade e se provêm os tanques e chafarizes que há por muitas casas, e em canoas vão vendendo daquela água, de que pagam certos direitos.

O mais lindo da praça são as obras de ouro e as de penas, com que imitam qualquer coisa e cor. E são os índios tão oficiais disto, que fazem de penas uma mariposa, um animal, uma árvore, uma rosa..., tudo tão ao próprio que parece que está vivo ou natural... Mas o ofício primeiro e mais primoroso é o de ourives; e assim trazem ao mercado coisas bem lavradas... Um prato oitavado, com um quarto de ouro e outros de prata, não soldado, mas fundido e ligado na fundição... Moldeiam um papagaio, que se lhe anda a língua, que se lhe meneia a cabeça e as asas... Também esmaltam, engastam e trabalham esmeraldas, turquezas e outras pedras... Há que mirar as ervas e raízes, folhas e sementes que se vendem, tanto para comida como para medicina; pois os homens, as mulheres e as crianças conhecem muito de ervas, porque, com a pobreza e a necessidade, as procuram para comer e para tratar as suas doenças, que pouco gastam com médicos, ainda que os há, e muitos boticários que levam à praça unguentos, xaropes, águas e outras coisas para enfermos. Quase todos os males se curam com ervas...

O ano dos mexicanos é de 360 dias, porque têm 18 meses de vinte dias cada um... Têm mais 5 dias... intercalares, em que se celebram grandes festas de cruéis sacrifícios mas com muita devoção...

(Francisco Lopez de Gomara (1512-1572?), «História Geral da Índias»).

Acha-se nas nações da Nova Espanha grande notícia e memória das suas antiguidades. E querendo eu averiguar de que maneira podiam os índios conservar suas histórias e tantas particularidades, soube que, se bem que não tivessem tanta curiosidade e delicadeza como Os chineses e japoneses, todavia não lhes faltava algum género de letras e livros, com que a seu modo conservavam as coisas de seus maiores. [...]

É de saber que tinham os mexicanos grande curiosidade em que os rapazes fixassem de memória os ditos discursos e composições, e para isto tinham escolas e como colégios ou seminários onde' os anciãos ensinavam aos jovens estas e outras muitas coisas, que por tradição se conservam tão inteiras como se delas houvesse escrita.

José de Acosta, História Natural e Moral das Índias, 1590. IN: FREITAS, Gustavo de. 900 textos e documentos de História. Plátano Editora, 1976. pp. 116-118..

